

Em Fartura-SP, produtores optam por formar associação e adotar parcerias para se tornarem mais eficientes na atividade leiteira. Com isso, aumentam produção e elevam rentabilidade do negócio

EDISON LEMOS



PARCERIAS E TECNOLOGIA

O desafio se deu no ano de 2003. Uma empresa compradora de leite na região quebrou, deixou de honrar seus compromissos com os produtores e, por necessidade eles se reuniram e decidiram criar uma entidade em defesa dos seus interesses. Eram 22 produtores que em conjunto alcançavam um volume de 8.000 litros/dia. Surgiu assim a Associação dos Produtores de Leite de Fartura e Região, a Aplefar, do sudoeste paulista. Desde então, muita coisa mudou para melhor no segmento leiteiro da região. A produção ingressou numa espiral ascendente, sustentada por um leque virtuoso de parcerias.

Hoje são 35 produtores que produzem quase 15 mil litros de leite por dia, comercializados com um único parceiro, o Laticínio Frutap, que remunera de

acordo com a qualidade e coloca um profissional à disposição para fazer visita das salas de ordenha. O leite entregue é 100% granelizado e avaliado pela Clínica do Leite-Esalaq, através de análises semanais. Metade do valor da análise é paga pelo produtor, e metade, pela associação. E o produtor assume o compromisso de entregar todo o leite produzido para o laticínio parceiro.

Para ingressar na Aplefar, todo produtor precisa apresentar laudo de sanidade para brucelose e tuberculose de seus animais. A taxa de adesão é de R\$ 300 e a

manutenção cobrada custa R\$ 0,01 por litro ao produtor. O menor produtor associado utiliza 2 ha de área para produção, e o maior chega a 15. Calcula-se que 70% dos associados possuem

menos de 8 ha para produção de leite. O grau de desenvolvimento entre eles é bem variado: alguns ainda estão substituindo o touro zebuino por outro com aptidão leiteira, outros cuidam de implantar o sistema de piqueteamento, enquanto vários já se encontram integrados a programas de acasalamento das centrais de sêmen.

Entre os serviços que



Amaral: ações compartilhadas



Gado Jersey em pastagem irrigada no Sítio São Sebastião, em Fartura-SP

Fotos: E. Lemos

de reduzir custos. Mas ainda não tem estrutura para evoluir para outras compras, como insumos, por exemplo. Nesse aspecto, os produtores são atendidos por uma cooperativa de suinocultores local, onde muitos são associados. Duas outras iniciativas são: os leilões anuais que se realizam – um em Fartura, outro em Taguaí –, com a comissão de venda revertendo em favor da entidade, e o torneio leiteiro, sem fins lucrativos, que serve de palco para confraternização entre os criadores.

DESENVOLVIMENTO COM PARCERIAS - Recentemente, a Aplefar contratou um veterinário, aluno de pós-graduação da Unesp-Botucatu, especializado no controle de qualidade de leite, que está visitando os produtores. De acordo com a análise do leite, passa orientação para correção das deficiências. Outro fato que anima os produtores é a chegada do Banco do Brasil como novo parceiro da associação. A instituição deve disponibilizar recursos aos produtores através de uma linha de crédito

ELA viabilizam produção

presta aos filiados, a Aplefar mantém parceria com o Sebrae-SP, através do Instituto Aequitas, para capacitação e suporte tecnológico ao produtor. Através desse instituto, o produtor de leite conta com um cronograma mensal de atendimento por um técnico em sua propriedade, além da participação em feiras, congressos e 'clínicas' tecnológicas que se realizam de acordo com a demanda dos produtores.

Outra parceria mantida é com a Casa da Agricultura, da Prefeitura Municipal de Fartura, que disponibiliza um veterinário exclusivamente

para atender a reprodução. Esse profissional faz exames de ultrassonografia nos animais, realiza o toque, faz inseminação artificial (o sêmen tem custo zero para o produtor) e controle de brucelose e tuberculose nos rebanhos. Também é elo dessa cadeia o Sindicato Rural local, que vem sendo parceiro na viabilização de treinamentos e cursos de capacitação, através do Senar-Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.



Motta: cada um faz sua parte

Segundo seu presidente, Edson Rodrigues do Amaral, a associação já está adquirindo vacinas em conjunto para os produtores, como forma

to chamada DRS-Desenvolvimento Rural Sustentável, colocada ao alcance de entidades do meio rural organizadas, que trabalham com qualidade e tecnologia.

No âmbito da Aplefar, as parcerias são consideradas de fundamental importância tanto para quem está iniciando quanto para quem está num patamar mais elevado de produção. O presidente Edson Rodrigues considera que elas alavancam principalmente o pequeno produtor. "É difícil encontrar um lugar onde a amarração funcione tão bem, com cada um dos parceiros fazendo bem a sua parte", elogia também o zootecnista Luiz Otávio Motta.

Certamente, foi este funcionamento ajustado que levou os produtores da associação a conquistarem o primeiro, segundo e quarto lugares em qualida-

de de leite no ano de 2008; e o terceiro e quinto lugares, no ano de 2009. As premiações aconteceram em Franca. Resultados apurados pelo Instituto Aequitas através de seus consultores, analisando dados do início de fevereiro até final de dezembro de 2008, mostram que durante o período

de a média de produção diária do grupo cresceu de 390,71 litros/dia para 510,57 litros/dia, um aumento de 31%.

Os índices de produtividade também apresentaram melhora, saindo de 12.002 litros/ha/ano para 16.542. A produtividade por animal no período sal-

tou de 13,26 litros/vaca/dia para 16,35, em consequência de adequações no manejo da alimentação e de substituição de animais mestiços por vacas com maior aptidão leiteira nos rebanhos. Observou-se também um aumento médio de 6 animais por propriedade, entre fevereiro e dezembro de 2008. A

DESCOBRINDO POTENCIAL

No começo, bem no começo, havia uma vaquinha Nelore, chamada "Mansinha", que o sogro queria vender porque precisava de renda. A família resistiu. Ao contrário, foram compradas outras duas vacas mestiças, um pouco melhor para leite. Logo na primeira cria, uma delas morreu. Mas não houve desistência. O leite tirado era pouco, mas começou a aumentar e em breve não tinham o que fazer com ele. Daí os meninos, (na faixa de 16 anos, estudando em colégio agrícola) começaram a vender de garrafa, na rua, e o dinheiro era deles.

Mas chegou num ponto que era muito dinheiro, e enquanto vendiam, faltava mais leite. E assim foram sendo compradas mais vacas, até que precisaram procurar auxílio técnico para sistematizar a produção. "A gente sabia que dava dinheiro, mas não sabia se organizar, e foi o Sebrae-SP que ajudou e colocou a gente na linha", conta a professora Miriam Araújo, esposa de Welder Luciano Corrêa, mais conhecido como Edinho, produtor de leite em Fartura-SP.

Cinco anos se passaram desde então. "É completamente diferente ver o sítio hoje em comparação com o de antigamente", diz a professora, que mantém no capricho as anotações referentes a cada uma das vacas do plantel. Atualmente um rebanho de 51 animais, entre bezerras, novilhas e vacas – todos, animais de reposição própria – pastam nos 6 ha do Sítio Jesualdo, que Edinho arrenda do pai. A produção de leite chega a 420/430 litros/dia, em duas ordenhas.

A vida da família Corrêa começou a mudar quando Edinho ouviu falar do

Programa Balde Cheio e, por gostar e confiar na pecuária leiteira, foi procurar o técnico Luiz Otávio Motta, para trazer o programa para Fartura. Depois disso, a meta de 100 litros/ha/dia, pregada pela 'cartilha' do Programa, está cada dia mais perto, devendo ser superada em breve, com o apoio proporcionado pela Associação dos Produtores de Leite de Fartura e Região.

MAIOR PERÍODO DE PASTEJO - Para desenvolver a atividade, Edinho adquiriu tanque de expansão, ordenhadeira, misturador de ração, triturador, ensiladeira, um

sendo sorgo em lugar da cana, enquanto uma nova área de cana está sendo implantada.

Trabalhando exclusivamente com mão de obra da família, depois de arrancar do zero, a propriedade alcança atualmente uma produtividade de 34.000 litros/ha/ano, ou R\$ 16.500/alqueire/ano, de acordo com cálculos de Motta, zootecnista do Instituto Aequitas, a serviço do Sebrae-SP. "Como é uma propriedade com mão de obra familiar e uma atividade com limitação de área, a viabilidade da produtividade leiteira fica

comprovada porque nenhuma outra atividade daria uma rentabilidade dessas numa área tão limitada", diz o técnico.

Custo de produção em torno de R\$ 0,54/litro e preço de venda de R\$ 0,75+bônus por qualidade, a rentabilidade do negócio fica acima de 30%, que é considerada boa em função do volume alcançado. Esses ganhos compensam as 10 horas por dia de irrigação, a adubação mais pesada que é feita visando ao maior rendimento da pequena área explorada.

Os resultados até já animaram Edinho a abandonar a gerência de uma loja de materiais de construção para se dedicar totalmente à produção de leite.

Sua principal limitação no sítio é o fato de a propriedade não ser sua. Se fosse, já teria investido num fosso para a sala-de-ordenha, a irrigação estaria enterrada e não sobre o terreno, algumas estruturas que serviam à suinocultura teriam sido desmanchadas, cedendo lugar a galpões para bovinos. Outro fator limitante são as novilhas, o que vai ser resolvido pela implantação de um centro de recria, que vai liberar mais área para produção. Se tiver só vaca em lactação e vaca seca, a meta de produção de 600 litros/dia não está longe de acontecer.



Corrêa: mudanças proporcionaram 420 litros de leite/dia, mas quer chegar aos 600

trator de pequeno porte, equipamento de irrigação, e alguns animais. "Aqui não tinha nada, mas nada mesmo", recorda o produtor, que agora mantém um módulo de capim-napiê, dois módulos de capim-mombaça, cana, silagem de sorgo, e sobressemeadura de aveia. Há dois anos está fazendo uso de irrigação das pastagens e se diz mais tranquilo para enfrentar os veranicos, que são frequentes na região.

Além disso, o sistema proporciona o ganho de mais 60 dias de pasto por ano, porque consegue prolongar o período final 'das águas'. O manejo de verão compreende alimentação com capim-napiê ou mombaça, corrigido com ração por mérito. O manejo alimentar de inverno se faz com cana e sobressemeadura de aveia. Este ano, entretanto, está forne-

taxa de lotação do município de Fartura é de 7 vacas/ha, considerada uma das melhores da região.

O grande diferencial dos produtores de leite de Fartura, entretanto, foi o fato de que, em parceria, atingiram uma média de recebimento de preço de leite que ficou 20% acima da média de preço paulista do ano passado, em função do volume e qualidade do produto final. Na análise dos dirigentes da Associação, isso significa que todos os produtores tem consciência de que produzem um leite diferenciado, recebem um preço diferenciado, e precisam ter cuidados diferenciados também, porque as exigências do laticínio parceiro são rígidas.

Uma demanda vinda dos produtores que está em vias de ser atendida é a implantação de um centro de recria, abrindo mais espaço para produção nas propriedades. Com isso, deve crescer em torno de 20% a capacidade de lotação da associação, e também o volume de leite colocado à disposição do mercado. Uma área com capacidade para até 500 animais já está à disposição. Os animais serão divididos em 6 categorias e, a cada 60 kg mudam de categoria, até chegarem ao peso de 420 kg, devendo sair no quinto mês de gestação. Cerca de 60 animais já passam nessa nova área.

Para o zootecnista Luiz Otávio Motta, o centro de recria vem para melhorar a troca genética, mas não vai provocar nenhuma amarra. Nenhum produtor será obrigado a aderir ao programa. Um estatuto está sendo elaborado e uma metodologia de trabalho está sendo definida para regular o relacionamento dos produtores com a nova estrutura. A idéia é ter todo esquema montado dentro dos próximos 60 dias. ■



Rodrigues explora rebanho da raça Jersey em pastoreio de coast-cross

MUDANDO DE NEGÓCIO

Propriedade muito antiga, herança de família, nem sempre o Sítio São Sebastião foi um reduto da pecuária de corte. Por isso em 2005, quando o dono Eliezer Donizeti Rodrigues do Amaral decidiu mudar sua matriz produtiva, abandonando a criação extensiva de gado, não estava apenas seguindo os conselhos dos amigos, estava também resgatando uma antiga tradição familiar: a exploração da pecuária leiteira. Afinal, a atividade não era novidade para sua família. Ele próprio fora criado com dinheiro de leite.

Nesses primeiros tempos Amaral costumava dizer que estava criando um “gadinho numa propriedadezinha, onde tirava um leitinho”, tudo assim no diminutivo. Agora, tudo mudou de figura. O sítio ganhou personalidade própria, virou propriedade. O gadinho tem raça definida. O leitinho saiu da informalidade, passou a ser produto valorizado no mercado. A concepção de tirar leite com tecnologia e máximo aproveitamento, foi incorporada ao dia-a-dia do sítio. E foi dentro dessa perspectiva que ele começou a formar piquetes em toda área.

Atualmente, os 5 alqueires da propriedade estão divididos em cinco módulos, com 21 piquetes em cada módulo, para rodar de 15 a 20 animais por módulo. Uma malha de irrigação enterrada a 90 cm de profundidade permite a ampla circulação de máquinas pelo terreno, e o molhamento de toda área em 12 horas, para voltar a ser irrigada apenas três dias depois. O sistema de irrigação em malha visa reduzir custo de produção e aumentar a produção de leite, fazendo comida

de qualidade para os animais.

Era abril de 2005 quando Amaral adquiriu as primeiras 12 vacas de leite. Associado à Aplefar-Associação dos Produtores de Leite de Fartura e Região, que ajudou a criar, procurou também pelo técnico Luiz Otávio Motta, do Sebrae-SP, e começou a ‘alinhar’ a propriedade, dentro das orientações técnicas do Programa Balde Cheio. Agora, o Sítio São Sebastião soma um rebanho de 37 animais da raça Jersey, escolhida por suas características de resistência, docilidade, pequeno porte, produtividade e por fornecer um leite com mais sólidos.

Quer quintuplicar produção - No caminho da profissionalização, a propriedade exigiu de Amaral o investimento em tanque de resfriamento, piqueteamento da área, compra de ordenhadeira, em prover o sistema de irrigação. Apenas um funcionário, que às vezes recebe auxílio do filho, dá conta de atender a propriedade enquanto o produtor providencia a aposentadoria da atividade de topógrafo, para assumir inteiramente o trabalho do sítio, que considera “mais prazeroso”.

Por enquanto a produção de leite alcança 300 litros/dia, obtidos com a exploração em apenas 2 ha de pastagem. Entretanto, a propriedade tem potencial para até 1.500 litros/dia, explorando-se os 5 alqueires disponíveis. Essa meta, pelas contas do produtor, deverá ser alcançada dentro de 3 a 4 anos, apenas com recursos próprios. Aliás, a limitação de recursos para investir na compra de animais é exatamente o freio que vem segurando o patamar de produção do Sítio São Sebastião.

O manejo alimentar da propriedade prevê que os animais em produção pousam em piquete de *coast-cross* que, no dia seguinte é submetido ao repasse pelas novilhas e vacas secas. Essa é a estratégia que pretende manter. Em 2008 trabalhou com aveia em sobressemeadura e teve de comprar cana. Este ano novamente deve comprar cana dos vizinhos. Mas já planeja cultivar uma área própria para reserva estratégica de inverno, porque não tem pretensão de mexer com silagem.

Seu planejamento compreende o plantio de cana em agosto próximo para poder contar com esse alimento no ano que vem, entrando na dieta no período de maio a agosto para vacas secas, novilhas e bezerras. As vacas em lactação devem contar com aveia. Custo de produção calculado em R\$ 0,57/litro, onerado pelo trato de novilhas, Amaral acha que dá para reduzir a R\$ 0,37, apenas fazendo uma suplementação alimentar, deixando o animal buscar a proteína no pasto. O produtor conta que fechou 2008 com R\$ 0,10 a mais por litro de leite, em função da qualidade produzida e, como está no limite da remuneração por qualidade, acha que agora é só crescer.